

## **O VALONGO E SEU CEMITÉRIO**

Ênio José da Costa Brito\*

\* Professor da PUC-SP.

A revolta dos Malês, em 1835 *foi um episódio que teve como motivação central a defesa das concepções religiosas sobre a morte, os mortos e os ritos fúnebres.*<sup>1</sup>

Uma das facetas mais cruéis do escravismo brasileiro, pouco lembrada pela historiografia, finalmente, ganhou um estudo mais amplo com a pesquisa de Júlio César Medeiros da Silva Pereira.

O livro *À flor da terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro*, mostra a violência contra os mortos. Escravos que morriam quando as naus entravam na Bahia. Ou então, esperando para serem vendidos, tinham seus corpos descartados, lançados *à flor da terra* no Cemitério dos Pretos Novos.<sup>2</sup>

Este Cemitério, que funcionou de 1772 a 1830, no Valongo, só recentemente foi localizado. Atualmente, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro trabalha na recuperação do que restou do lugar. *Este cemitério de escravos ficava na área antes conhecida como o entreposto do Valongo, que hoje compreende os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo. Construído em 1722, no largo Santa Rita, transferido para o Valongo em 1769 e possivelmente extinto em 1830. O Cemitério dos Pretos Novos era destinado exclusivamente a pretos novos, denominação dada aos escravos recém chegados da África.*<sup>3</sup>

Pereira realiza um estudo minucioso do espaço funerário tendo como fonte principal o Livro de Óbitos da Freguesia de Santa Rita. O Cemitério é analisado em estreita relação com o tráfico e com a cidade do Rio de Janeiro. Análise que dá ao autor a possibilidade de explicitar as especificidades do cemitério e a importância da morte para a cosmovisão africana.

*À flor da terra* está estruturado em quatro capítulos, a saber: Religiosidade e morte: Lugares fúnebres no Rio de Janeiro dos séculos XVII a XIX; O Cemitério dos Pretos Novos e o seu entorno; História e arqueologia: revelações e descobertas e Viver e morrer em África.

<sup>1</sup> Cf. J. J. REIS, *A Morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 49.

<sup>2</sup> SILVA PEREIRA, J. C. M., *À flor da terra: O Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond/IPHAN, 2007.

<sup>3</sup> Idem, p. 53

## A cidade e o cemitério

Com uma configuração espacial difícil, o Rio de Janeiro cresceu desordenadamente e sem condições higiênicas, o que favorecia epidemias tornando a morte ainda mais corriqueira. Com a chegada da família real, em 1808, houve uma melhora nas condições de vida da cidade.

O costume do sepultamento *ad Sanctus*, ou seja, nas Igrejas, herança da colonização cristã portuguesa, permaneceu até o Império. Por força do *Tratado de Amizade*, que entrou em vigor em 1810, a cidade passou a contar com quatro cemitérios católicos e um protestante, o cemitério dos ingleses. Eram eles, o cemitério da Santa Casa da Misericórdia, o de Santo Antônio, o dos pretos novos no antigo largo de Santa Rita e o dos mulatos no Campo do Rocio. Em 1839, foi aberto um cemitério na Praia de São Cristóvão, cemitério do Caju, hoje Cemitério São Francisco Xavier.

A hierarquia social reproduzia-se na hora da morte. Gente de posse era inumada nas Igrejas, escravos pertencentes às irmandades, nos cemitérios. As Constituições Primeiras da Bahia, além de recomendar o sepultamento dos fiéis, dá orientações para um enterro digno dos cristãos.

O sepultamento dos pretos novos, muitos deles eram batizados, era realizado em valas comuns ou covas rasas no Cemitério edificado no Largo Santa Rita. Fato que escandalizava os viajantes europeus em visita à cidade.

A devoção a Santa Rita chegou à Colônia pelas mãos do fidalgo português Manuel Nascentes Pinto, *sellador mor da alfândega*, que trouxe na bagagem um quadro da santa. Mais tarde edificou com recursos próprios uma Igreja dedicada à santa e doou-a a irmandade de Santa Rita, aos treze de março de 1721. Na frente da Igreja, localizada fora do perímetro urbano e próxima do mercado de escravos do Valongo, instalou-se um cemitério também em 1721, o Cemitério dos Pretos Novos.

O mercado de escravos que antes funcionava na Rua Direita, na administração do Marques de Lavradio foi transferido para a região do Valongo, após muitas reclamações da população. *A ordem dada por Lavradio foi severa: os escravos que não fossem vendidos não sairiam do Valongo 'nem depois de morto', porque o novo cemitério era bem próximo do mercado.*<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Idem, p. 74.

A Igreja de Santa Rita trouxe notoriedade para a freguesia, enquanto o cemitério só problemas. Pereira localizou documentação que traz queixas da população local contra o

cemitério em 1820, queixas que só terminaram com o fechamento em 4 de abril de 1830. Uma das queixas mais frequentes relacionava-se com o tamanho do cemitério, considerado pequeno. Segundo o Livro de Óbitos de Santa Rita, entre 1824 e 1830, 6.119 escravos foram ali sepultados.

Alguns fatores foram determinantes para que o fechamento ocorresse: a determinação da população, que considerava o cemitério insalubre, a mentalidade higienista e a incipiente modernização da cidade.

Inúmeras são as causas das mortes dos escravos: péssimas condições higiênicas dos navios negreiros, varíola, suicídio, doenças infecto-contagiosas, bexigas, entre outras. Data de 1816 um documento no qual se propunha aos três maiores traficantes, João Gomes Valle, José Luís Alves e João Alves de Souza que construíssem uma enfermaria, onde escravos que desembarcavam adoentados fossem tratados. O Cemitério dos Pretos Novos recebeu alguns corpos em 1825, 1827 e 1828, que vieram do Lazareto.

### O livro de óbitos

Para uma radiografia demográfica dos escravos sepultados, o Livro de Óbitos da Freguesia ofereceu a Pereira os dados que buscava. Ao levantar, cruzar, e analisar os dados, o autor desvelou parte da lógica do cemitério, intimamente ligada ao tráfico negreiro e as suas oscilações.

Entre 1824 e 1830, entraram no porto do Rio 166.230 escravos. Tal número tem sua explicação em vários fatores: vinda da família real, expansão da lavoura canavieira e sensação difusa de que o tráfico ia cessar. Entre 1825 e 1828, a taxa de mortalidade entre os escravos novos manteve-se elevada: 1044 em 1825 para uma entrada de 26.180 escravos novos em 1828, foram realizados 1049 sepultamentos para uma entrada de 45.670 escravos. Após 1830, diminuem os sepultamentos.

Os historiadores apontam diversas razões como melhora tecnológica das embarcações, o não registro, os corpos que eram sepultados em outro lugar. Para Pereira, *os comerciantes deixaram de sepultar neste campo santo, para passarem a utilizar de forma discreta e gradual, o cemitério da Santa Casa, conhecido como Ladeira da Misericórdia.*<sup>5</sup>

Pequenos bilhetes ou *pedaços de papel* foram encontrados dando conta de sepultamentos no Cemitério da Santa Casa. Estes bilhetes demonstram que pretos novos continuavam chegando no país. O tráfico ilegal piorou e muito as já péssimas condições de sepultamento.

<sup>5</sup> Idem, p. 139.

<sup>6</sup> Idem, p. 130.

Mesmo tendo sido ampliado, em 1828, o Cemitério da Santa Casa apresentava-se superlotado em 1833. *Entretanto, se o lugar de sepultamento mudou após 1830, a forma de se fazer os sepultamentos permaneceu inalterada. Se no Cemitério dos Pretos Novos os escravos recém-chegados eram lançados em valas comuns, na Ladeira da Misericórdia a situação não era melhor e a superlotação foi um problema constante e recorrente.*<sup>6</sup>

O Cemitério dos Pretos Novos, que tinha sido esquecido, foi descoberto em janeiro de 1996 por acaso por operários que iniciavam a reforma de uma casa na Rua Pedro Ernesto, n. 36. Entre os objetos achados encontram-se artefatos de ferro, conta de vidro, artefatos de barro, ossos num total de 5.563, ossos queimados e dentes limados. A maioria dos sepultados era banto, jovem, adolescente e crianças.

A pesquisa arqueológica tem ainda muito a fazer. Uma breve comparação com os trabalhos realizados no *The African Burial Ground* confirma o quanto é possível ampliar os estudos arqueológicos no Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> [http://www.africanburialground.gov/ABG\\_Main.htm](http://www.africanburialground.gov/ABG_Main.htm)

Apagar a memória do Cemitério dos Pretos Novos era uma necessidade que se impunha para uma nação que se modernizava. Modernização contraditória, pois, mantinha a escravidão.

Os assentamentos de óbitos lavrados pela Freguesia de Santa Rita trazem informações preciosas. Pereira apresenta uma delas, a título de exemplo: *Aos dezoito de julho de mil oitocentos e vinte sete, Joaquim Antônio Ferreira mandou sepultar um escravo novo, com a marca à margem do braço direito, vindo de Angola no navio Despique, do que faço este assento.*<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Cf. J. C. M. PEREIRA DA SILVA, *À flor da terra*, op. cit., p. 141.

Numa análise cuidadosa dos 6.119 óbitos registrados de 1834 a 1830, o autor constatou que 31.218 registros traziam os portos de origem. Dentre os 11 portos identificados, pelo de Angola passaram 891 dos pretos novos sepultados, 28,4% do total. Pelo de Benguela, 914, correspondendo a 29,2%.

A fase áurea do tráfico pela África Central se deu entre 1760-1830. A guerra entre reinos fornecia escravos para um mercado em expansão. *A obtenção de escravos e, por conseguinte, a venda aos traficantes, ou troca por armas de fogo, impulsionavam o desenvolvimento dos reinos envolvidos na obtenção de escravos vizinhos mediante a guerra.*<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Idem, p. 149.

## A cosmovisão

Os historiadores têm confirmado que a procedência da maioria dos escravos do centro-sul do Brasil era da África

Central, área ocupada por povos banto. Conhecer a cosmologia desses povos é condição primeira para uma maior aproximação da experiência vivida pelos escravos novos por ocasião do sepultamento realizado no Cemitério dos Pretos Novos

Para Pereira, o termo banto deve ser *dado aos africanos que compartilhavam o tronco linguístico banto, e não no sentido que o senso comum adotou de pensar 'banto' como uma cultura*.<sup>10</sup>

Os povos falantes de língua banto, após inúmeras migrações, se fixaram na África Central, em organizações de tipo familiar. O binômio família-linhagem está baseado na ancestralidade e tem centralidade na cultura africana, uma vez que permite preservar a memória dos antepassados.

O autor abre o diálogo com a obra clássica do jesuíta Raul Ruiz de Asúa Altuna, intitulada, *A cultura tradicional banto*, para mergulhar na cosmovisão banto, em especial, na sua religiosidade.<sup>11</sup>

Altuna ressalta a importância da vida, sua relação com a morte, que não é vista como uma não existência, pois, todas as coisas contem um poder vital, distribuído de maneira hierarquizada pelo Criador.

Sendo os ancestrais, o elo de ligação entre o Criador e suas criaturas, quanto mais perto dele alguém estiver, maior força vital terá. *O culto aos ancestrais constituía uma das bases principais, mas não única, da religiosidade centro-africana e tem, dentro da cosmovisão, um papel fundamental na manutenção da vida e da ordenação das coisas terrenas, ao mesmo tempo que funciona como um elo entre o homem e um Deus que habita em um mundo distante*.<sup>12</sup>

Não poder venerar os ancestrais, ou morrer longe deles, é uma má morte, assim como morrer jovem, sem filhos, por suicídio ou intempéries da natureza. O corpo inerte, *buzimo*, deve ser sepultado para não tornar-se um *muzino*, ser não vivo, sem força vital, mas inteligente, que se constitui num perigo para a comunidade, pois pode afligir, atormentar os vivos.

O ritual fúnebre, além de separar o morto da comunidade dos vivos, restabelece a ordem. O uso da mortalha, em geral - a branca é a mais comum porque o branco representa a morte, como o mar, a Kalunga, representa o local de travessia para o além.

O contato com a religião cristã não levou os africanos ao abandono de sua religiosidade, graças à capacidade deles de aglutinar novos valores e reelaborar significados e símbolos.

Para os pretos novos, o tipo de sepultamento realizado no Cemitério dos Pretos Novos deveria causar pavor, uma

<sup>10</sup> Idem, p. 156.

<sup>11</sup> Cf. R. R. de ASÚA ALTUNA, *A Cultura tradicional bantu*. Luanda: Lev'Arte, 2006.

<sup>12</sup> Cf. J. C. M. PEREIRA DA SILVA, *À flor da terra*, op. cit., p. 162.

vez que impossibilitava recuperar a força vital e cultivar os antepassados. *O significado do Cemitério dos Pretos Novos para os escravos recém-chegados, era este: o fim da trajetória material e imaterial de suas existências.*<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Idem, p. 177.

## Pontuações

*O sul mais distante. O Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos*, livro do historiador americano Gerard Horne, lançado recentemente no Brasil, termina com uma alusão ao Cemitério dos Pretos Novos. Livro instigante e esclarecedor, que tem como foco principal os Estados Unidos mas que gradualmente oferece ao leitor dados para visualizar as relações entre os dois grandes impérios escravistas do século XIX.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Cf. G. HORNE, *O Sul mais distante. O Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

No livro, Horne ratifica uma tendência que vem se firmando na historiografia brasileira nos últimos anos: a compreensão mais densa de nossa sociedade escravista não pode ser isolada de um contexto mais amplo.

Ele termina seu livro responsabilizando também os traficantes americanos pelo Cemitério dos Pretos Novos. Depois de relembrar a descoberta do cemitério, afirma: *naquele ano foi desenterrado um dos maiores cemitérios de escravos do mundo, uma vala comum onde traficantes despejaram milhares de corpos, bem antes da abolição em 1888. Dizem os especialistas que mais de 20 mil corpos devem ter sido jogados, ignominiosamente, no Cemitério dos Pretos Novos. No entanto, não se sabe até que ponto esses corpos foram sepultados como consequência da ação destruidora de cidadãos americanos, no auge do comércio ilícito de escravos, há mais ou menos 160 anos.*<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Idem, p. 360, grifo nosso.

Em *À flor da terra*, Pereira desvelou com sabedoria, serenidade e firmeza para seus leitores a violência cultural perpetrada durante 58 anos de 1772 a 1830 no Cemitério dos Pretos Novos. As práticas de sepultamento realizadas no cemitério revelam a ganância dos comerciantes de carne humana e o total desprezo e desconhecimento da cosmovisão africana e seus valores.

O autor conciliou a perspectiva analítico-comparativa com uma rica e selecionada documentação, evitando soluções simplistas e moralistas. Sua preocupação inicial é de situar o leitor na cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX, período de grande crescimento da população negra na cidade.

Thomás Bennet, um americano que esteve no Brasil na década de 1830, diante da massiva presença negra no Rio de

Janeiro, escreveu: *meus olhos estão de tal maneira familiarizados com rostos negros que o surgimento de um rosto branco nas ruas de certas partes da cidade me chama atenção pelo inusitado*.<sup>16</sup> O Rio da época era uma cidade hierarquizada, negra e muito insalubre, com um alto índice de mortalidade, onde os escravos ocupavam os últimos degraus da escala social.

<sup>16</sup> Idem, p. 44.

Em seguida, Pereira apresenta o Cemitério dos Pretos Novos esmiuçando as práticas de inumação ali realizadas, a insatisfação da vizinhança e a impotência do Estado para enfrentar os problemas. Não assumindo estas práticas como coisas, capta sua complexidade e também as filigranas das mesmas.

Tendo apresentado o cenário e a história do Cemitério dos Pretos Novos, esta reveladora de uma faceta da sociedade escravista, o autor olha de perto a demografia dos escravos sepultados no campo santo. A obtenção de uma resposta para o fim do cemitério, em 1830, é um dos frutos dessa minuciosa análise.

Finalmente, no quarto momento Pereira volta a olhar os personagens principais desse drama, os pretos novos. De onde provinham? Qual a sua cultura? Como a morte e a vida eram compreendidas na África? Para responder a estas questões, convida o leitor a passar para o outro lado do Atlântico.

Com alguns dados na mão, estabelece comparações com a visão cristã mostrando o dinamismo que se faz presente no encontro dessas duas concepções de mundo. O leitor, ao vislumbrar a cosmologia desses africanos que aqui chegaram, entende um pouco mais o medo, o pavor que os atormentava.

No prefácio, José Murilo de Carvalho sintetiza com precisão a dinâmica presente em *À flor da terra: É este mundo marcado pelo sofrimento de uns e pelo desrespeito de outros, um mundo de práticas desumanas, que Júlio César nos revela, apoiado em documentos de arquivos, em testemunhos de viajantes, em estudos sobre a cultura da morte nas tradições católica e banto. Ao horror dos navios negreiros e das senzalas, será preciso acrescentar agora o do Cemitério dos Pretos Novos*.<sup>17</sup>

Ao terminar a leitura de *À flor da terra*, uma certeza emerge: nossa história é um poço de lacuna. Historiadores como Júlio César estão de mangas arregaçadas a fim de corrigir as simplificações, as deformações e contribuir para um conhecimento mais amplo de nosso passado.

<sup>17</sup> Cf. J. M. de CARVALHO, Prefácio. In Cf. J. C. M. PEREIRA DA SILVA, *À flor da terra*, op. cit., p. 12.